

LUX JORNAL O Estado do Paraná – Curitiba - PR Publicado: 28/ 12/ 2000	272	190	
			1234

Malária se alastra na região Oeste

Patrícia Lunovich

Foz do Iguaçu (Sucursal) - Mais três índios da reserva de Santa Rosa do Ocoí, distrito de São Miguel do Iguaçu, contraíram malária, elevando para oito o número de casos confirmados este ano na aldeia pela 9.ª Regional de Saúde. Outros três casos de malária haviam sido registrados no mês passado em Foz. O Oeste do Paraná é a única região do Estado onde a doença ainda não foi totalmente erradicada. A incidência chega a onze casos de janeiro até agora.

A malária atinge cinco crianças e três adultos da comunidade avá-guarani, com idade entre sete e 65 anos, que estão recebendo tratamento da Fundação Nacional do Índio (Funai), da 9.ª Regional, Secretaria Municipal de São Miguel do Iguaçu e do Projeto Rondon, mantido pela Fundação Nacional de Saúde (FNS). Por causa do aumento da incidência, a 9.ª Regional descentralizou o atendimento aos índios para a própria aldeia.

A FNS está fazendo a borrifação em toda a aldeia para eliminar o mosquito Anofelis darling transmissor da doença. Médicos e enfermeiras foram enviados ao local para medicar os índios. O maior perigo são os poços d'água abertos em 1982, com a delimitação da reserva após a formação do reservatório da usina de Itaipu. Essas cisternas tornaram-se locais propícios para a proliferação do mosquito Anofelis.

As torneiras instaladas há três anos pelo escritório da Sanepar em Cascavel e pela Prefeitura de São Miguel agravam o problema, pois vazam e formam poças d'água. As taperas construídas em condições precárias são outro risco.

Do Paraguai

Os últimos três casos registrados de malária na aldeia foram confirmados anteontem à noite pela 9.ª Regional. Os casos possivelmente foram contraídos de parentes que migraram do Paraguai, onde a incidência da doença atinge índices alarmantes. Foram mais de 2.000 notificações só no ano passado. Em Foz do Iguaçu, a malária atingiu 46 pessoas em 99 e outras seis em 98. O maior surto ocorreu em 89, quando 738 pessoas contraíram a doença.

O cacique José Duarte de Souza acredita que a doença possa ter sido trazida por parentes avá-guaranis que viviam do outro lado da fronteira, no Paraguai. Desde o assentamento no local, há 18 anos, muitos índios cruzaram o Rio Paraná para viver na aldeia. A comunidade subiu de pouco mais de 20 famílias em 1982 para 103 atualmente.

Saúde debilitada

Médicos e enfermeiras da FNS visitam, em média, uma vez por semana os 468 índios da reserva. Apesar do risco que a malária representa atualmente, o período mais crítico é o inverno, quando em geral grande parte da aldeia fica doente devido às más condições em que os indígenas vivem na área de 231 hectares.

Presos aos limites da reserva, os avá-guaranis dependem da ajuda da Funai para o cultivo da terra. As lavouras mais comuns são de milho, mandioca, feijão, arroz, batata, amendoim, entre outras. Muitos deles ainda têm de trabalhar como bóias-frias nas lavouras da região para garantir a subsistência da aldeia, comprando açúcar, farinha e outros produtos que não produzem.

Exame

O exame para detectar a malária é simples e rápido. O sangue do paciente é coletado e analisado com a ajuda de uma lâmina. O resultado sai em pouco mais de 40 minutos. O tratamento é feito a base de trimaquina (comprimido) e dura em média 14 dias. Os principais sintomas são febre alta e dor de cabeça.

O período de incubação pode demorar até 30, antes da doença se manifestar. Se não tratada a tempo, a

LUX JORNAL O Estado do Paraná – Curitiba - PR Publicado: 28 / 12 / 2000	272	190	
			1234 (cont)

malária pode levar o paciente à morte. Existem dois tipos de malária, a Vívax - a mais comum na nossa região e a falciparum (do tipo mais grave).